

027

**UMA COMUNIDADE IMAGINÁRIA CHAMADA "NAÇÃO": VOZES E REPRESENTAÇÕES EM A SILVEIRINHA, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.** *Ricardo Araújo Barberena, Rita Terezinha Schmidt* (Instituto de Letras, UFRGS)

A obra *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida, publicada em 1914, não é considerada representativa da Literatura Brasileira, haja vista a sua invisibilidade na historiografia literária e a sua exclusão do cânone da nossa literatura. As primeiras cenas constituintes da obra são pautadas por diálogos que introduzem uma reflexão sobre a identidade nacional sob a perspectiva de uma classe social específica, de uma determinada raça e de um determinado gênero que presentificam a produção de uma subjetividade incompatível com o conceito de Nação. Esta discussão sobre brasilidade instaurada no texto de Júlia Lopes de Almeida é merecedora de uma análise do ponto de vista das teorias pós-coloniais, que compreendem a nação como um espaço marcado internamente pela diferença cultural, pelo heterogêneo e por tensões culturais. A diferença cultural é fundamental na rede de relações hierárquicas proposta pela classe dominante, pois modifica o cenário das representações sociais/literárias, reorientando o conhecimento pela perspectiva do "outro" que resiste ao discurso totalizador e centralizador. A construção cultural de uma nação é desenvolvida através de processos de afiliações sociais e textuais que constroem identificações e deslocamentos. Neste processo, ressalta-se a importância delegada às contra-narrativas marginais das minorias que intervêm nas justificativas de homogeneização inseridas no conceito moderno de Nação. A complexa relação entre local/nacional/universal/marginal e institucional deve ser estudada para a compreensão de uma nação multicultural marcada pela diferença cultural. A crítica literária, durante os períodos de formação da literatura brasileira, associou a nossa identidade cultural a uma produção literária marcadamente atravessada por posições ideológicas da elite econômica (cultura dominante). A literatura produzida por esta classe dominante não detém o poder simbólico de representação de uma nação fragmentada culturalmente. Portanto, é preciso refletir criticamente sobre as complexas estratégias de identificação cultural e as formas discursivas que se realizam em nome da "nação", transformando-a em assunto imanente e objeto de narrativas sociais e literárias. A nação, esta fragmentária comunidade imaginária, deve ser analisada como uma construção mosaica e multiforme, que constitui o múltiplo pela mescla e pela união dos fragmentos representativos de uma ruptura. A partir do romance *A Silveirinha*, proponho problematizar, questionar, desconstruir a noção de nação, pois o discurso totalizador sofreu fissuras com a emergência das narrativas de autoria feminina, que introduzem meios de negociação antagônicos com uma autoridade discursiva desassociada da sua própria diferença. (CNPq/ UFRGS)